

GRAFITOS, CARTASE DO COLETIVO

RAYMUNDO DALL'AGNOL
Prof. Assistente do Dep.
de Letras e Ciências Hu-
manas da UFRPE.

É antigo o hábito popular de inscrever mensagens em locais de acesso público. Esta forma de comunicação, paralela aos modelos clássicos, pode veicular idéias de conteúdo: político, religioso e devocional, porno-erótico, jocoso e satírico, romântico, moralista e de advertência, precatório, imprecatório e vindicativo, sendo algumas vezes de tendências jacobina e outras com desenhos artísticos. A interpretação das mensagens apócrifas sugere reflexões na ordem de correção gráfica, estilística, psico-emocional e comunicacional. Vem se alastrando a utilização de cédulas de dinheiro como veículo de grafitos, embora constitua contravenção penal.

1 - CONCEITO

A prática dos grafitos atravessou os séculos como fato universal, facilmente observado hodiernamente em quase todas as camadas letradas ou semi-alfabetizadas. Parece revelar uma força incontida de extravasamento íntimo, limítrofe da catarse emocional indissimulada.

As inscrições populares, pinturas e desenhos toscos feitos pelos povos da Antiguidade, com estilete, instrumentos pontiagudos, ou carvão, nas paredes dos monumentos; templos, e mu-

ros das cidades da época, receberam a denominação de "grafito" ou "grafitos" (do italiano: *graffito*, vindo do latim - *graphium* — gráfico, estilete - e do grego: *graphein* - escrever.² A palavra "grafito" tem ligação com "grafite", mineral de cor negra, o carbônio cristalizado, conhecido também como plumbagina, com que se fabrica o lápis.⁵

De valor essencialmente arqueológico, os grafitos foram encontrados em grande número em Pompéia, Herculano, Roma, Atenas e nas ruínas de outras cidades.⁷ Nem sempre estas inscrições do povo eram gravadas. Às vezes eram pintadas e tornam-se instrutivas no tocante à psicologia popular, à ortografia, ao ensino do povo, comércio, política, moral, religião, sistemas governamentais etc. As inscrições constam de frases, dísticos, sentenças, desenhos, - entalhados, insculpidos em pedra, cascas de árvores, madeira, bronze, revestimento dos prédios e na superfície de objetos vários.

O termo teria sido usado inicialmente pelos especialistas das Civilizações das Antiguidades egípcia, grega e romana, para distinguir, das inscrições oficiais, as inscrições e os desenhos a mão livre (do gênero: calúnias, caricaturas ou advertências) encontrados em alguns monumentos arqueológicos, como nas pirâmides do Egito, caserna dos gladiadores em Pompéia, catacumbas de Roma etc.³

2 - LOCAIS DE COLETA, OBJETOS, MODALIDADES

Uma rápida observação exploratória revela, na sociedade atual, a proliferação dos grafitos, os quais são vistos habitualmente em locais de acesso público. Encontramo-los nas portas, fachadas, muros e paredes de templos e prédios públicos, tapumes de obra, nos cruzeiros e monumentos comemorativos; paredes de museus (apesar da vigilância), pedestal de estátuas e monumentos (mesmo necrológicos) também não são poupados. Grande acervo se localiza nas latrinas (banheiros, WC) públicas, tanto masculinas como fe-

minhas, de instituições de ensino, restaurantes, hotéis, terminais viários. As paredes, muros e corredores de escolas de todo gênero, são lugares assás utilizados para a *evasão consciente do inconsciente negado*, tanto para fixar a inquietação de adolescentes quanto para comufiar complexos de imaturas pessoas adultas. As cascas das árvores, bancos de praça e de ônibus servem também de receptáculo às confidências táticas de grafitos anônimos, ou levemente identificados por iniciais ou nomes de pessoas dificilmente identificáveis, ou por desenhos e gravuras sintomáticos. A massa que fixa os vidros das janelas, a argamassa de revestimentos das alvenarias recebe a impressão de nomes ou mensagens de incógnitos autores, sob forma de inscrição a lápis, giz, piche e tintas ou por gravações em relevo negativo.*

As casas de guarda, guaritas, postos de entrada e/ou controle de certas instituições recebem inscrições de nomes, datas, desenhos ou outras mensagens anôdinas.** O enfadonho passar das horas, na monotonia cruel da obrigação de "estar aí", suscita na mente desocupada do guarda em serviço, a volúpia ardente do espírito, testemunhando graficamente algo que crepita no seu subconsciente, como resposta aos seus anelos dinâmicos de atividade física.... Disso resulta os grafitos significativos como catarse compensatória ao passivismo estático de sua tarefa...; por certo isto se oferece como bom manancial de observação, estudo e interpretação para um psicólogo do social...

Movimentos reivindicatórios de agremiações políticas, sindicais, desportivas, comerciais etc., utilizam bastante esta forma de comunicação pública, muito próxima da propaganda e

* *Adrede ao Dep. de Zootecnia na Universidade Federal Rural de Pernambuco, há uma área cultivada com canteiros de xerófitas, tipo mandacaru, palma miúda, palma grande... na superfície das faces das palmas (Napalea Cochinnillifera) os estudantes gravaram seus nomes, iniciais, datas e desenhos românticos.*

** *Informação do Prof. Edval Marinho, Pesquisador, Etnógrafo e Folclorista do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, em setembro/1978.*

da publicidade, em alguns casos. Tem-se visto palavras e até frases nas calçadas e no leito da rua, inclusive pegadas desenhadas ao longo da rua e subindo na calçada conduzindo à casa comercial objeto da publicidade.

É bastante conhecido o caso do "poeta dos grafitos", no Rio de Janeiro, que usa os tapumes de construções de prédios e do metrô, em locais de grande trânsito de pedestres, para divulgar seus versos, por não ter possibilidade de acesso às editoras.*

Outras formas de grafitos específicos, aqui no Brasil, são encontradas nos livros escolares e nas cédulas de dinheiro, esta modalidade mais recente, ao passo que as "mensagens" deixadas nos livros escolares, em geral nas folhas de rosto, (pouco tendo em comum com os consagrados "ex-libris"), são de uso mais antigo, como as do gênero:

"Quem neste livro pegar
Não cause admiração;
mas se com ele ficar
não passa de um ladrão",

e a seguir, vinha a data e o nome do proprietário, estudante secundário na maioria. Sem dúvida recorda-se o espírito bem humorado de Cuspiniano (séc. XVI) que escreveu em seus "ex-libris" a inscrição famosa: "Cuspiniano colocou aqui sua imagem para com ela fugentar os ladrões".

Há grafitos de textura *perecível*, como os que são feitos com o dedo nos vidros e latarias empoeirada dos automóveis, ou os feitos com giz nas paredes, nos muros e nas calçadas assim como os da areia da praia. Existem outros grafitos mais *duráveis*, a lápis, tintas, piche etc, ou gravações de estiletes.

A multiplicação de mensagens gráficas em cédulas de dinheiro é recente, com progressivo alastramento. As cédulas

* Lembrete do Prof. Roberto Emerson Câmara Benjamin, Diretor do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, Membro da Comissão Pernambucana da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e Pesquisador de Folcocomunicação, em julho/1978.

de menor valor são mais utilizadas; são poucos os grafitos em notas de cem e quinhentos cruzeiros. A categoria de pessoas que usa tal suporte para seus recados presume-se seja de baixo poder aquisitivo. As frases nas cédulas tratam de aspectos humorísticos, políticos, pornográficos; são preces religiosas, provérbios populares, troca de informações (frente e verso da nota), operações numéricas breves (adição, subtração, multiplicação e divisão); fixam nomes ou iniciais de pessoas, rabiscam ou acentuam as efígies (Pedro II, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto), inscrevem datas, números (telefônicos ou de endereços); iniciam "correntes de orações" a São Cipriano (e Sipriano) aos Santos Cosme-Damião aspirando enriquecimento e pedindo que a "corrente não seja interrompida ou prometendo que: "que nada lhe faltará".*

Os WC de determinadas Escolas, devido ao clima ou gênero de estudos e ideologias reinantes, concentram o conteúdo dos grafitos exclusivamente em temas políticos ou de agressão a professores, às autoridades do estabelecimento ou governamentais, com absoluta exclusão de pornográficos.**

3 - CLASSIFICAÇÃO

O repertório, grande parte do qual tem conteúdo erótico, é bastante restrito: coração, flechas, órgãos sexuais, círculos, triângulos, mas contém variações numerosas (corações descobertos, coração aureolado, coração atravessado por uma flecha, coração com iniciais no interior, coração partido...) Quanto ao

* Ver breve exemplificação em (6, p. 171).

** Nas portas dos WC, nas tampas das carteiras escolares, nos corredores e nas paredes da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, no período que precedeu o movimento revolucionário brasileiro de 1964, não havia um só grafito erótico-pornográfico, embora tais locais estivessem literalmente recobertos de inscrições, mas todas de cunho reivindicatório, político ou de exaltação a regimes extremistas.

É notável o grau de credulidade conferido ao autor dos grafitos, supondo-se que este aja com honestidade, em vista do bem comum. Os grafitos recentes apresentam denúncias, demonstrando com sua presença, que cada escrito aponta, através de casos individuais, problemas sociais evidentes. Em poucas semanas, "dazibaos" de Pequim discutiram eficazmente questões de ensino, emprego, desemprego, salários, famílias separadas, divórcios mais ou menos pressionados e inclusive desavenças com a política e a justiça. Outros grafitos chineses denunciam "erros políticos". Seus assinantes perderam até o emprego porque suas famílias eram contra-revolucionárias, um "dazibao" de modestas dimensões expressava laconicamente a profunda marca que imprimiram na sociedade chinesa 12 anos de convulsões políticas. Os pichamentos de paredes em época de eleições no Brasil poderiam ser inseridos neste contexto de grafitos políticos.

3.2 - Religiosos, externando súplicas ou agradecimentos, a modo de ex-votos, encontradiços nos locais de romaria ou de devoção tradicional.

3.3 - Pornográficos e eróticos, constituídos de expressões gráficas diversas como palavras (ou palavrões), desenho de órgãos sexuais ou situações que sugerem ação sexual normal ou aberrações. Às vezes os grafitos porno-eróticos apoiam os de contexto político. Em outras, os pornográficos encerram convites ou denunciam fatos sexuais apócrifos contra desafetos: colegas, professores, autoridades, contra a pessoa que se desejaria ou não se pôde "conquistar", assumindo, neste caso, os grafitos, a característica vingativa. O maior acervo de grafitos porno-eróticos se encontra nas portas e paredes dos WC; em bancas colegiais.

Os "banheiros" femininos não são poupados, o que demonstra ser o grafito porno-erótico uma constante de ambos os sexos, apesar de se pensar ingenuamente ser a mulher, por índole, mais respeitadora e delicada que o homem, e menos dissimulada que este.

Assevera-se até que os grafitos femininos são bem mais agressivos.*

3.4 - Jocosos e satíricos, não faltando aos anônimos autores de grafitos, o espírito galhofeiro. Emitem-se frases e termos humorísticos de fácil aceção popular. O "castigat ri-dando mores" dos romanos é sempre redivivo. Desta forma a verve e graça popular satiriza pessoas, acontecimentos, situações. Através do humor reivindica-se, acusa-se, alerta-se, intimida-se.

Recentemente, após a instalação, nas cidades densamente populosas, das "ruas de lazer" com placas oficiais indicativas dos dias e horários de funcionamento, em várias ruas e becos pobres e esquecidos a criança fixou cartazes e inscrições com letreiros imitativos, oficializando, a seu modo, a transformação da rua para atividades lúdicas, geralmente adstrita ao futebol-de-meia da gurizada. Na esquina de um beco (Honório de Almeida, da Estrada de Belém, em Campo Grande - Recife) o letreiro popular é original, desobedecendo a todos os cânones da grafia, mas acaba sendo compreendido: o termo "Rua de lazer" ficou transformado em "Rua do lazer", escrito da direita para a esquerda, com reversão de todas as letras, acrescido de uma seta: $\text{RUA DO LAZER} \leftarrow$

A engenhosidade jocosa semi-analfabética do autor do dístico deu o recado, entenda-se-o como se quiser...

3.5 - Românticos, os grafitos românticos remontam a eras antigas, atravessando os tempos, desde que o homem é homem por-tador de sentimento. Desenhos de corações semi-unidos, entrelaçados, atravessados pela flecha expedida do arco de Cupido, corações partidos, com as iniciais ou nome de enamorados, flores ou frases de amor cândido ou incendiado a perpetuar o afeto jurado, sonhado, ou pretendido. Cascas de árvores, bancos de jardins, tampas de

* Constatação de Diretores de estabelecimentos de ensino, citada por professores do 1º Ciclo Geral (Básico) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Bloco J, em novembro/1977.

carteiras escolares, folhas de papel... são o receptáculo habitual de tais juras e declarações amorosas.

3.6 - Moralistas e de advertência, apesar do alardeado espírito de licenciosidade hodierna, os censores anônimos dos bons costumes, a exemplo de Catão Antigo, o Censor (234-149 a.C), primam por impor princípios rígidos, quando menos de advertência às idéias, tecendo reflexões, preconizando preceitos morais, protestando contra desbragamentos de outros grafitos porno-eróticos. Podem, os grafitos em epígrafe, apenas tecer considerações, admoestar ou fazer refletir.

3.7 - Precatórios, imprecatórios e vindicativos, a exemplo do grafito anotado na rua, no "ponto" em que uma banca de revistas que fora destruída, provavelmente por um desafeto pueril: "Que Deus tenha dor do cruel que destruiu minha barraca já que o malvado não teve pena deste infeliz que dela tirava o pão da família".

3.8 - Jacobinos, raros, mas existem os termos extremistas, racistas, nacionalistas exaltados, radicais, xenófobos.

3.9 - Artísticos, grafitos sem outras pretensões aparentes que a mera oportunidade de patentear o gosto artístico, incitando porventura à elevação estética, ao bom gosto. Constatam frases, letreiros, desenhos harmoniosos, simétricos de livre criação, ou arranjos, arabescos, flores etc.

4 - APRECIACÃO INTERPRETATIVA

Numerosos psicossociólogos, impressionados com a sua concisão e violência, consideram os grafitos - tanto os de passado quanto os atuais - como a expressão dos grandes temas do inconsciente coletivo em estado quase bruto: amor, ódio, obsessão da morte, direitos preteridos, injustiça, instinto sexual e libi-

do. Através deles, o autor pode, impunemente lançar uma mensagem à sociedade, desafiá-la, participar de um sistema anônimo de comunicações, liberar-se de suas obsessões ou reclamos possessivos de justiça.

Os grafólogos procuram conhecer o caráter ou a índole da pessoa pelos traços de escrita da mesma. Habitualmente nos grafitos tal pretensão é infrutífera, de vez que o autor disfarça sua letra, usa maiúsculas, ou se esconde no anonimato, apenas sugerindo, através de discretas iniciais ou de nomes generalizados: Severino, Sônia...

Um fato que dificulta a identificação grafológica é a posição vertical, horizontal ou inclinada do objeto sobre o qual o autor escreve. Myra Y Lopez comprova através de testes (P. M.K.) que a escrita sagital normal de uma pessoa na posição horizontal, (na mesa trabalho por exemplo), difere dos caracteres grafológicos que esta mesma pessoa faz em posição vertical (quadro negro).*

Pelo traçado e desconexão do texto, os psicossociólogos diagnosticam as "grafoirrêias" ou seja a perturbação mental em que o paciente escreve muito e sem nexos. Este aspecto é específico e clínico fugindo à intenção destas notas.

Além de outras considerações acresce dizer:

4.1- Quanto ao contexto. Os grafitos aparecem sob a forma de frases completas, expressões truncadas, vocativos nomes inteiros ou isolados, palavras soltas, iniciais de nomes, desenhos diversos de objetos, flores, coração, espada, flecha, órgãos sexuais, símbolos político-partidários (a cruz gamada, suástica).

É peculiar o tipo de grafitos dos bancos de praça e casca das árvores que na sua quase totalidade se res-

* *Esclarecimento da Psicóloga Prof. Zaida Maria Costa Cavalcanti, do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, em agosto/1978.*

tringem a confissões ou eflúvios românticos expressos no tradicional coração traspassado pela seta, nomes ou iniciais dos enamorados; é raro o grafito porno-erótico ou político nestes locais. Refere-se que na praia de Porto de Galinhas, litoral pernambucano, existe um baobá que na parte mais elevada do seu tronco registra entalhes de nomes e iniciais dos hoje mui respeitáveis vovôs e vovós da região, ao passo que na parte média e inferior do tronco, constam as inscrições de nomes das gerações mais novas. Na medida em que o tempo passa, o baobá cresce e engrossa fixando com mais profundidade os grafitos nele inscritos.*

Nos WC, a constante é de grafitos porno-eróticos e políticos, com dimensões plúrimas, simplesmente para desanuviar para vingar-se ou na esperança de proselitismos. Neste ambiente também aparece a reação ético-moralista dos denominados "apóstolos pregadores ou moralistas de latrina", os quais advertem, denunciavam e censuram os "imbecis e cretinos" autores ignotos suplicando a Deus que perdôe a vileza de suas indignas "apelações", já que logram ludibriar o castigo terreno...

Bom manancial de grafitos seriam, na sua gênese, os dísticos dos para-choques de caminhão, dos vidros e para-brisas de veículos, os plásticos e decalques, antes da fase mercantil; ao se vulgarizarem passaram a ser "frases feitas", sem a espontânea autenticidade que caracteriza o grafito. Se fosse válida a avaliação desta fonte ver-se-ia a predominância romântica, erótica, jocosa, filosófica e alternativa, com alusão a estudos já feitos, por Marcos Venícios Vilaça e Mauro Almeida, dentre outros.

Os cruzeiros e templos concentram grafitos religiosos e românticos, ou a mescla de ambos. Outros despontam como súplica, ou agradecimentos - uma forma de ex-voto; e há os que são meros registros de visita; estes últimos encontrados também em

* *Esclarecimento da Psicóloga Prof. Zaida Maria Costa Cavalcanti, do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, em agosto/1978.*

pontos de visitação pública e locais turísticos, como rochas de grutas, cachoeiras, ruínas, e até na cratera de vulcões.

As inscrições cemiteriais poderiam decorrer de "obrigações de terreiro", na forma de despacho ou de ex-voto; uma possível deturpação ou prolongamento do "balé de Iansã", com o fito de "libertar-se de..."; ou ainda um "despacho de esquerda" do ritual nagô, em homenagem dos mortos...*

Tem-se notícia de "rituais" celebrados nas l pi-des de cemitérios em hora de vigilância frouxa (ou com a conivência dela) quando se bate com a galinha viva contra a pedra da catacumba até a morte dela.**

4.2— Comunicação. No aspecto comunicacional os grafitos se afiguram como um desafio ao sistema da teoria da comunicação.

Eis uma modalidade de comunicação que foge aos sistemas, com previsão de probabilidades e efeitos. Estamos no domínio da folkcomunicação, tal como a conceitua LUÍS BELTR O¹ e   intensamente pesquisada pelo Prof. Roberto Emerson Câmara Benjamin e equipe, na última década.

A comunicação pelos grafitos desafia a função social dos media. Estamos em confronto com um sistema original em relação às diversas formas acad micas de comunicação. LUÍS BELTR O¹ assevera que a folkcomunicação é instrumento de apoio aos líderes de opinião que atuam em circunstâncias paralelas, quando não de dominados. "As pesquisas de folkcomunicação devem se estender a outros setores excluídos, sem acesso aos "mass media", devido a sua posição filosófica ou ideológica contrária às normas culturais dominantes, setores que se poderiam classificar de contraculturais... Como as minorias erótico-pornográficas que utilizam as paredes dos

* *Conjecturas do Prof. Roberto Emerson Câmara Benjamin, Diretor do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE e da Prof. Waldenir Caldeiras de Jesus Araújo, do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE.*

** *Esclarecimento da Psicóloga Prof. Za da Maria Costa Cavalcanti, do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, em agosto/1978.*

sanitários para a difusão de suas idéias".^{1:45}

Os grafitos servem de esteio à comunicação de minorias políticas de extrema, auto-consideradas de "dominadas", que se infiltram até mesmo na indústria cultural e sob formas aparentemente inocentes (vg quadrinhas, canções, piadas, desenhos, tomadas de cenas, diálogos...) e vão disseminando sua mensagem, não raro sob os aplausos dos detentores privativos dos meios.

É evidente a existência de um líder de opinião em potencial agindo, nos estertores da angústia de sua mente enclausurada pelas conveniências externas, a fim de lograr a transmissão da mensagem gráfica. Será um líder falido, nati-morto, na maior parte das vezes. Mas a influência do líder de opinião é mais significativa que a dos meios tradicionais: rádio, televisão, cinema, imprensa mesmo alternativa), nem sempre tão eficazes quanto se almejava; mesmo porque o líder de opinião atinge estes meios dando-lhe conotações, re-orientando-os. "O líder de opinião conhece o mundo, isto é, recebe e decodifica as mensagens dos meios, interpretando-as de acordo com os padrões de conduta de seus liderados, julga-os e, com grande habilidade, emprega outros meios para transmiti-las, adequadas ao interesse coletivo ou setorial, e em linguagem de domínio e compreensão geral para seus iguais: A literatura de cordel, os letrados, as pinturas, os improvisos dos cantadores, os desafios e emboladas, a escultura popular, alguns folguedos folclóricos, o carnaval e a música popular..."^{1:45} O único elemento do processo de comunicação realmente conhecido é a mensagem, embora sintética, facilmente dedutível num contexto dado ou na forma expressa.

O emissor identificável como pessoa é uma das características do grafito. Pelo contexto incorpora-se o emissor em categorias expressivas: a emissão de suas mensagens busca desvinculá-lo de peso e angústias opressivas, depressivas, anárquicas e outras fobias, num esforço catártico inconsciente. A mensagem, na lógica do conceito de grafito, é sempre gráfica mas nem sempre verbal; consta de frases, palavras, iniciais, desenhos, pin-

turas, símbolos ou meras expressões artísticas.

Ao contrário do emissor, que é uma pessoa certa embora ignota, o *receptor* é acidental e incerto desencadeando reações imprevisíveis de serem detectadas em toda sua amplitude, sem suspeições. A *identidade semântica* da mensagem entre emissor e receptor é fortuita, provocativa por vezes, como nos casos dos grafitos emitidos na ansiosa esperança do proselitismo (político, eróticos dos WC, por exemplo). O *feed back* é hipotético, residindo na possível adesão almejada.

No caso raro de grafitos em que o emissor declina por extenso seu nome e a mensagem é toda expressa, resta a dúvida quanto à certeza de receptor concreto. Nada impede que se conjecture em diálogos iniciados entre incógnitos através de grafitos de "casinha", desafiando o ardor moralista dos "apóstolos de WC". Habitualmente o diálogo nestas circunstâncias é assimétrico, unilateral, faltando-lhe a bi-polaridade dinâmica inerente à essência dialogal.

Os grafitos representam também uma forma inconsciente, mas publicamente confessa de transferência psíquica. É o desaforo desfechado sob a proteção do anonimato, pelo emissor. O emissor, acobertado pela segurança do "local isolado" (WC) ou angustiado pela opressão do momento (nas bancas de escola) procura desafronta patenteando por meio do grafito uma sanção contra o agressor, para possível conhecimento público de fortuitos receptores.

A impotência de meios para "fazer justiça com as próprias mãos" infunde ânimo para fixar reivindicações em locais públicos, através de mensagens que calam no íntimo por causa da opressão em conveniência das circunstâncias mas que o autor deseja ver perpetradas "ad perpetuum rei memoriam".

O *feed back* da mensagem fica dependente do público incerto, quase nunca o receptor intencionado. Desta forma, o *feed back* é dubio, de efeito retardado e de consequências imprevisíveis conforme o esquema da "Tuba de Wilbur Schramm"

no modelo de Comunicação de Massa.* Nos grafitos vocativos religiosos e em alguns precatórios, o emissor sabe que se dirige ao sobrenatural (aos Santos ou a Deus) e que o grafito assume então a conotação de "promessa paga", ex-voto, ou súplica; mesmo assim há o testemunho público da mensagem emitida, embora sem esperança de feed back concreto, ainda quedubiamen te ansiado.

4.3- Grafia e estilo. São poucas as possibilidades de uma análise sintática e mesmo de correção gráfica nos grafitos. E isto se deve ao fato de que os grafitos são de estilo sucinto, sintéticos nas palavras e expressões, telegráficos, sem preocupações maiores que a de dar o recado, mitigar o recalque, transvasar complexos, agredir, alertar, ameaçar, evocar ou invocar. O aspecto formal é secundário. Isto explica facilmente as apelações e desmandos gramaticais, o uso de formas estrangeiras paralelas às simbioses linguísticas. O vocabulário vulgar, o calão, as gírias malandras, são de uso corrente bem a gosto do "estilo grafito".

Nem sempre isto ocorre, com honrosas exceções de quadrinhas chulas repetitivas e contraditórias nos WC de todos os quadrantes do país.** O francês estigmatiza mordazmente a "literatura dos grafitos":

Muraille, papier de la canaille!

* Escrito a caneta, na porta esquerda do guarda-roupa do apartamento nº 8 do Hotel Petrópolis, de Garanhuns (PE), colheu-se o seguinte grafito que motivou um diálogo, embora com feed back retardado de mais de 4 anos:

- "Não façam nenê com a luz acesa". (sem data)

- "Faço nenê de qualquer jeito. 04.01.74".

E logo abaixo, dentro do desenho de um coração:

"Deus perdoe o cretino que escreveu o que está acima. 19.06.78"

A intervenção desta terceira pessoa não esclarece qual dos dois acima é o cretino, provavelmente o segundo, aceitando as datas como referência de emissão da mensagem e o feed back registrado mais de quatro anos após.

** O Sr. Aparício Silva Rillo⁶, do Rio Grande do Sul, tem uma coleta de dísticos e frases enfileiradas em 16 laudas, inéditas, sob o título de "Literatura de Latrina".

Na verdade, trata-se antes de um aspecto de psicologia social do que de gramática e muito menos de literatura.

Modesta lanchonete de um ponto de parada de ônibus, no interior do Ceará, recebeu um improvisado letreiro "For men out side" seguido de uma seta indicativa de que o WC masculino era "ãĩ fora no mato" pois que o banheiro interno era exclusivo para "Damas".

No campo dos grafitos hã aspectos ambivalentes quando a inscrição não resulta de medida oficial mas ẽ utilitãria: nas feiras-livres, box de mercados, oficinas e lanchonetes humildes podemos colher frases, palavras e expressões que oscilam desde a informação utilitãria (preços, horários...) ã advertência gaiata, numa amostragem imaginosa da verva popular satĩrico-criativa.

Como quer que seja, o grafito sincroniza os anseios submersos e inconfessos do ser humano numa afrontação do coletivo em busca de catarse tranquilizante e talvez gratificante para o autor; esta atua sem compromissos ẽticos, morais, gramaticais, ou outros, que a força do inconsciente que o oprime. Pela externalização dos conflitos e tensões, atravẽs do grafito, seu autor logra satisfação catãrtica, ao menos parcial. O aspecto de feed back, adesão e proselitismo ansiado ẽ secundãrio, podendo vir por acrẽscimo.

5- CONCLUSÃO

E impossĩvel controlar ou conter o hãbito popular de manifestar o pensamento atravẽs de canais informais. O exemplo engaja ã imitação e ã cẽlere vulgarização. Implanta-se um combativo desafio incõgnito, gerador de censura ou cristalizando resposta. Defrontamo-nos com um promissor campo de pesquisa e de interpretação do comportamento humano e de tendẽncias psico-sociais, tanto quanto se perceba o engajamento diluĩdo nas suspensivas formas grafĩticas, freqũentemente objetivas e diretas. Especificamente o grafito se enquadra como uma manifestação urbana, por exce-

lência, da folkcomunicação. Impossível, também, confinar os grafitos a estratificações sócio-econômicas exclusivas. Faixa etária, sexo, profissão e situações as mais diversificadas estão presentes na formulação de mensagens, denotando sempre a angústia ou a preocupação de se perpetuar a esperança de fortuitos receptores, que credenciarão os efeitos ansiados.

6 - EXEMPLOS DE GRAFITOS EM CÉDULAS DE DINHEIRO

a) Este veículo grafitico parece ser recente e vem se alastrando com rapidez. A bisonhice ortográfica, bem como o fato de serem utilizadas apenas cédulas de reduzido valor, leva à dedução de que os emissores deste gênero são populares de pouca instrução e de baixo poder aquisitivo. Nas mãos deles não transitam valores fiduciários elevados;

b) Recolhemos cédulas marcadas com escritos desde Petrolina ao Recife, João Pessoa e Maceió, por onde andamos nos meses de julho a setembro de 1978. Será que todos têm consciência que dilapidam parcela do patrimônio nacional? Que é ilegal estragar cédulas?;

c) O que espicou a curiosidade e nos motivou à pesquisa foi o fato de no mesmo dia e local (mercado de Casa Amarela) receber de troco duas cédulas de um cruzeiro com mensagens opostas. Uma dizia: "Deus morreu por vocês, vivam por Ele" e a outra: "Quem tive (sic) este dinheiro é fresco e a irmã é puta";

d) Uma gentil quadrinha, com caligrafia infantil e feminina documenta: "Gosto de cravo branco/Também gosto de jasmim/Gosto da professora que ensinou bem a mim. Márcia";

e) Uma constante, tipo corrente-de-oração ou promessa, muito repetida, com tendência multiplicativa, neste exemplo: "Valei-me São Cosme-Damião (ou Cipriano),/Quem pegar nesta nota/Jamais lhe faltará dinheiro./Escreva cinco notas de um

cruzeiro/E passe para a frente";

f) Hã registradas a angústia, o desprezo, o anseio...: "Este dinheiro é falso", "Dinheiro de miséria", "Vai lascado", "Vã mais (sic) volte";

g) As anotações úteis, endereços, desenhos da cruz suástica na testa e da cruz latina na barba de D. Pedro II, reforço dos bigodes e barbas, contorno dos olhos, aposição de chifres na cabeça... ou recados, como este: "Para Sito - Jelino bote no correio hoje mesmo";

h) As quadrinhas populares, frases tipo lameiros ou para-choques de caminhão: "Mulher feia e jumento sô quem procura é o dono", "Mulher que se vende não vale o que recebe", "Se peito de mulher fosse buzina ninguém dormia dinoite (sic)", "A mata sô e virge (sic) por que (sic) o vento é fresco";

i) Hã cêdulas com ditos pornográficos, românticos, rabiscos ilegíveis, números de contas, cálculos...;

j) A picardia popular provoca hilaridade quando numa face da cêdula se excita a curiosidade do receptor: "Em caso de encêndio (sic) leia no outro lado", e no verso: "Sô em caso de encêndio, seu burro", ou como esta outra: "Vire e leia" e no verso: "Curioso safado";

k) O plágio gaiato, em revide de mangação: "Ricardo e CIA pegue neste dinheiro e venha me entregar procure a Rua sobe desce Nô dizaparece (sic) que será bem gratificado";

l) Original e única cêdula com mensagem datilografada: "É fácil calcular quanto perdi por confiar nas pessoas, mas pela mesma razão quanto ganhei é incalculável";

m) Uma nota de um cruzeiro recoberta de anotações de História Natural, sem dúvida fila (cola) para prova do colégio;

n) Ou estas mensagens, romântica uma e de advertência jocosa a outra: "Vai notinha, por este mundo sem fim/ Diz

pra alguém/que não se esqueça de mim", e assina: "J.M.S. 3.8.78"; a outra registra: "Zildo Cabral da Silva. Quem pegar neste dinheiro/Não passa de ilusão/Mas com quem ele ficar/Não passa de o (sic) ladrão", e a seguir vem a data: "16.09.78".

7 - RÉSUMÉ

L'habitude populaire d'écrire des messages anonymes dans les endroits publics est très ancienne. Il s'agit d'une forme parallèle de communication qui n'a pas la préoccupation habituelle des formes classiques. Le contenu des "graphitos" est d'ordre: politique, religieux, porno-érotique, de plaisanterie et satyrique, moraliste et d'avertissement, d'imprécation, de revendication, parfois xénophobes ou avec des dessins artistiques. L'interprétation des messages anonymes ou signés, suggère des réflexions quant à la correction graphique, à la stylistique, à la psychologie et à la communication. L'utilisation de cédules de papier-monnaie pour véhiculer des "graphitos", quoique soit une contravention pénale des lois brésiliennes, se répand de plus en plus.

8 BIBLIOGRAFIA

1. BELTRÃO, Luis. Comunicação popular e região no Brasil. In: UNIAO CRISTÁ BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *Comunicação /Incomunicação no Brasil*. São Paulo, Ed. Layola, 1976. cap.2, p.37-47.
2. BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário-prosódico da língua portuguesa*. Santos, Ed. Brasilia, 1974. Verbete grafito.
3. ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo, Encyclopaedia Britanica do Brasil, 1977. v.1.

4. FRANCIS, Deron. China; a justiça através do "dazibao". *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 jun. 1978. p.1, cad. B.
5. PORTA, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1958. Verbete grafito.
6. RILLO, Aparício Silva. *Literatura de latrina*. Porto Alegre. Trabalho inédito, consultado no Dep. de Etnografia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), Recife, 1978.
7. UNIVERSO; a grande enciclopédia para todos. |São Paulo|, Ed. Delta, Ed. Três, 1973. v.5.